



A importância da experiência estética e criativa com a Música na infância para o desenvolvimento humano integral: contribuições da cosmovisão de Rudolf Steiner

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL

Daniela Amaral Rodrigues Nicoletti
Universidade de São Paulo – danielaamaral@usp.br

Profa. Dra. Silvia Maria Pires Cabrera Berg
Universidade de São Paulo – silviaberg@usp.br

Resumo: O presente artigo tem o propósito de expor e discutir a atualidade e a pertinência de princípios norteadores dos processos educativos em escolas de denominação Waldorf¹, no que tange à ideia de desenvolvimento humano integral, e estabelecer relações entre tais princípios e os da pedagogia musical. Fundada por Rudolf Steiner, em 1919, a Escola Waldorf, orienta-se sob a luz dos conceitos da cosmovisão da Antroposofia, tendo como ponto de partida o pensamento científico e estético de Goethe e Schiller. Para tanto, o trabalho envolve pesquisa em livros e conferências de Steiner (1861-1925) e autores adeptos desse pensamento (Heydebrand, Petraglia, Lievegoed, Lanz e Husemann). Almeja, assim, contribuir para a reflexão e a prática da Educação Musical, oferecendo subsídios para uma abordagem vivencial e criativa da Música em todos os seus aspectos.

Palavras-chaves: Educação Musical, Desenvolvimento Humano, Pedagogia Waldorf, Antroposofia, Rudolf Steiner.

Abstract: This article aims to present and discuss the guiding principles of educational processes in Waldorf schools, establishing links between them and musical pedagogy. Founded by Rudolf Steiner (1861-1925) in 1919, this School intends to promote the integral human development and is guided by the concepts brought about by the worldview of anthroposophy, rooted in the scientific and aesthetic thought of Goethe and Schiller. This work takes as reference Steiner's works and conferences as well as those of some of his followers, such as Heydebrand, Petraglia, Lievegoed, Lanz and Husemann. It intends to contribute to reflection and practice in Musical Education, giving subsidies to an experiential and creative approach to music in all its aspects.

Keywords: Musical Education, Human Development, Waldorf Pedagogy, Anthroposophy, Rudolf Steiner.

1. Steiner e a criação de uma Pedagogia à luz da sua Antroposofia

Entre 1919 e 1925, Rudolf Steiner, filósofo austríaco, que havia fundado, em 1913, a Sociedade Antroposófica, dedicou-se à criação de uma pedagogia à luz da sua "ciência espiritual", através de uma intensa atividade de conferencista e a fundação da Escola Waldorf. Mesmo sem sistematizar uma psicologia, Steiner disseminou, assim, o germe de uma

1 Segundo site da Sociedade Antroposófica Brasileira, somam mais de 1.000, em todo o mundo, excluindo-se os jardins da infância isolados. O site da Federação das Escolas Waldorf no Brasil, registrou, em 2010, um total de 73 escolas Waldorf reconhecidas por ela, com 2050 professores e 2500 alunos de jardim de infância, 4180 alunos no ensino fundamental, 580 no ensino médio. A mais antiga, existente desde 1956, é a Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, que tem cerca de 850 alunos e 75 professores. Agregado a ela há o curso mais antigo de formação de professores Waldorf no Brasil, reconhecido oficialmente. Disponível em <http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf>. Acessado em 8 de abril de 2015.

compreensão diferenciada da infância e um pensamento educacional desenvolvido posteriormente por muitos adeptos, o que tem resultado tanto em bibliografias como em iniciativas pedagógicas, privadas e públicas, por todo o mundo.

De acordo com essa concepção, o ser humano é um ente complexo e dinâmico, unidade inextricável de corpo, alma e espírito, superando o modelo biológico-mecanicista e a antinomia corpo-alma, tendo o segundo como algo independente e superior ao primeiro². A primazia atribuída ao treinamento intelectual no ensino, em detrimento do corpo, conforme a visão materialista, fragmentária do mundo e do ser humano, era incapaz, segundo ele, de propiciar uma educação verdadeira, não contribuindo para o desenvolvimento integral harmonioso do educando, além de gerar atrofias e hipertrofias em certos aspectos constitucionais, que poderiam acarretar, inclusive, prejuízos à sua saúde física, mesmo que não imediatos³, além do seu embotamento sensorial, emocional e criativo.

Destacam-se duas premissas na Pedagogia Waldorf, que precedem qualquer conteúdo de ensino: o "conhecimento verdadeiro" da criança e a consciência do educador, que deve ser responsável pela sua contínua "auto-educação". A criança é vista como um indivíduo em devir, em meio a uma pequena célula social - que deve ser a mais diversificada possível, em termos de características e habilidades, origem cultural, extrato social e religião - em que genética, meio natural e sócio-cultural interagem em prol da realização da sua biografia pessoal e de suas características imanentes, não como uma *tabula rasa*⁴, uma folha em branco a ser preenchida unilateralmente por um professor. Cabe à educação, em função disso, proporcionar vivências que possibilitem o seu desenvolvimento equilibrado para exercer a sua liberdade e realizar o seu "eu" humano, ao invés de cumprir metas, como a realização de um programa generalista ou a maximização de resultados a partir da identificação de talentos.

2 No artigo *A pesquisa nas Artes do Corpo: método, linguagem e intencionalidade*, de Milton de Andrade, ele refere-se ao dualismo mente e corpo como *empíria primária*, "que se eterniza não só no campo da metodologia de pesquisa científica, mas em quase todos os movimentos da história da mentalidade da cultura ocidental (...)". (in TELLES, Narciso (org.) *Pesquisa em artes cênicas: textos e temas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

3 "E o que faço, como professor, na criança em idade escolar penetra profundamente na natureza humana física, psíquica e espiritual. Muitas vezes, por décadas, isso atua de certa forma por baixo da superfície e vem à tona de modo bem peculiar décadas depois, às vezes no fim da vida da pessoa, sendo que foi implantado nela como germe, no início de sua vida". (STEINER, 2014: 6)

4 O termo *tabula rasa* é usado por John Locke (1632-1704), filósofo inglês e ideólogo do liberalismo e da educação liberal (in LOCKE, John (1632-1704). *Ensaio acerca do entendimento humano*; trad: Anoar Aiex e Jacy Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1978 – coleção Os Pensadores)

2. A relação entre o desenvolvimento humano e a planta arquetípica de Goethe

Rudolf Steiner, nascido em Kraljevec, na Áustria, no ano de 1861, teve um contato intenso e minucioso com os escritos científicos de Goethe, responsável pela sua edição na coleção *Deutsche Nationalliteratur* (Literatura Nacional Alemã), a partir de 1983, após a conclusão de sua formação superior, em Viena, em ciências exatas, e, posteriormente, no Arquivo Goethe-Schiller, em Weimar, de 1890 a 1897. Nesse período, teve origem sua fecunda atividade literário-filosófica, culminando na publicação da sua obra fundamental, *A Filosofia da Liberdade* (1894), depois do seu doutorado em Filosofia pela Universidade de Rostock. A Antroposofia, gestada e consolidada entre 1900 e 1924, está calcada no método cognitivo de Goethe, a quem tributa uma maneira de pensar criativa, não limitada à experiência física ou à observação meramente sensória, como a que se tornou dominante no empirismo materialista. Na obra *A Metamorfose das plantas*, de Goethe, Steiner encontra um fundamento essencial, não só para o seu pensamento estético, como para as suas considerações sobre o desenvolvimento ao longo da existência humana, comparada à da planta. Como ela, o ser humano, segundo Steiner evolui da forma simples da semente à planta completa, crescendo, em níveis superpostos ao redor do caule, as folhas, a flor e o fruto. O psicólogo antroposófico Bernard Lievegoed refere-se a isso para adentrar a "estrutura estratificada da alma humana":

Enquanto a forma superior nasce, a anterior, mais antiga, permanece e conserva a função dentro do todo. O crescimento segue (...) Porém aquilo que foi formado anteriormente continua funcionando e ajuda no crescimento do novo órgão ou perece em parte, depois de cumprir sua tarefa. A flor só pode desenvolver-se depois de as folhas terem desabrochado para exercer sua função alimentar (LIEVEGOED, 2007).

Assim também cada desabrochar do ser humano constitui uma metamorfose em relação ao seu estado anterior. "O adulto sempre está haurindo das camadas mais profundas da alma" (*ibid.*). Da fusão e mútua interferência entre alma e corpo decorre a grande preocupação da Pedagogia Waldorf em não se antecipar ou saltar etapas no desenvolvimento da criança, ainda que ela se mostre apta a isso.

3. A relação entre a Música e o ser humano

Isso aplica-se também ao ensino da Música, tornando essencial ponderar-se o porquê, o quando e o como abordar-se cada um dos seus elementos e parâmetros, e com que ênfase ou insistência na sua realização, sendo imprescindível que todos sejam contemplados, assim como o ouvir e o fazer criativo, de forma curricular continuada.

Como fenômeno sonoro, vibracional, a Música afeta fisicamente o ser humano, ou o seu “corpo físico”, além de ter efeitos sobre seus sentimentos e emoções, constituintes do que Steiner denomina o “corpo anímico” ou “corpo das sensações”, “veículo da vida sentimental”, “portador de dores e prazeres, instintos, apetites, paixões, etc”, também membro da entidade humana (STEINER, 2012: 17). Mais ainda, a Música repercute naquilo que subjaz à sua consciência, sedimentando-se pela sua memória corporal: as energias orgânicas ou forças plasmadoras, responsáveis pelos seus processos vitais, como o crescimento, o que designa “corpo etérico”⁵, “habitante e arquiteto do corpo físico” (STEINER, 2012: 17). Existe ainda, segundo Steiner, um quarto membro da entidade humana, o “eu”, “portador da alma humana superior” ou da consciência, num sentido tão profundo que é capaz de transformar ou aperfeiçoar os outros membros, inclusive o corpo físico: “(...) sob a influência do eu transformam-se a fisionomia, os gestos e o movimento”.⁶

Estes componentes do ser humano estão imbricados, não há dissociação entre mente e corpo, conteúdo e forma. O que acomete um, tem consequência sobre o outro e, portanto, busca-se o desenvolvimento equilibrado.

E a concepção de vida em que se baseia o método, a essência da educação na escola Waldorf, que é a ciência espiritual antroposófica, está realmente edificada sobre um conhecimento por igual do corpo, da alma e do espírito do homem, e é por meio desse conhecimento uniforme dos três membros da natureza humana que ela visa evitar qualquer unilateralidade. (STEINER, 2014: 6).

Rudolf Lanz, eminente tradutor e difusor da obra antroposófica e pedagógica de Steiner no Brasil, emprega o mesmo termo, unilateralidade, para se referir ao desenvolvimento holístico da criança:

O educador nunca deve 'podar' dons, e sim procurar harmonizar e compensar as unilateralidades pelo cultivo de outras habilidades menos desenvolvidas. Tudo dependerá de sua perspicácia e seu tato: ele deverá (...) oferecer à criança meios de

5 De acordo com Steiner, até a primeira metade do século XIX, era usual no meio científico dizer-se que as substâncias e forças atuantes num mineral não eram capazes de transformá-lo num ser vivo. “Este deveria conter uma 'força' especial chamada 'força vital'. Era opinião corrente que tal força atua na planta, no animal e no corpo do homem, provocando as manifestações da vida da mesma forma como a força magnética provoca atração no ímã. (Com o advento do materialismo), os cientistas passaram a dizer que um ser vivo se estrutura exatamente como o faz um ser dito inanimado; que as forças reinantes no organismo são as mesmas que atuam no mineral – apenas de maneira mais complicada, pois formam uma estrutura complexa”. Acrescenta ainda neste texto publicado em 1907: “Atualmente, só os materialistas mais obstinados persistem na negação desta 'força vital'. (STEINER, 2012: 15)

6 No mesmo texto, afirma “Um indivíduo cujo eu ainda não chegou a plasmar seu corpo vital não tem lembrança alguma das experiências que fez” (STEINER, 2012: 20).

'arredondar' e completar suas disposições, mas sem forçá-la a isso. Em outras palavras: o educador, mais uma vez, terá de recorrer às suas qualidades de 'artista'. (LANZ, 2011: 68)

Pode-se inferir semelhanças, sob esse prisma, entre o ser humano e *o ser da Música*, como sugere Marcelo Petraglia, em seu livro *A Música e sua relação com o ser humano* (PETRAGLIA, 2010)⁷. Em função da concisão da forma do artigo, selecionarei apenas um dos aspectos para estabelecer este nexos, o que concerne à dimensão temporal.

“A música é um fenômeno temporal por excelência”, afirma Eduardo Seicman, na abertura de *Do Tempo Musical*. “A temporalidade estará sempre em qualquer nota ou conjunto de notas”, continua, justificando seu lugar central nas reflexões da Filosofia da Música (SEICMAN, 2001). O tempo musical nos remete sempre ao tempo vivido e às diferentes apreensões da consciência humana acerca da experiência temporal. O advento da tecnologia da música eletroacústica favoreceu uma ampliação na concepção do fenômeno sonoro, em relação às abordagens anteriores da física acústica. Passou-se a atribuir à duração uma relevância maior, tanto sob o ponto de vista da psicologia da percepção como dos procedimentos composicionais.

MENEZES cita a *Teoria da Unidade Tempo Musical* (1960), de Karlheinz Stockhausen, e pesquisas sonoras experimentais de Pierre Schaeffer, ao se referir à duração do som ou dos seus parciais constitutivos como um dos aspectos mais importantes para a percepção auditiva, sendo que no ato da escuta, a percepção transita entre esta dimensão e a das frequências através da microorganização vibratória do espectro, “essencialmente *temporal*”. “Falar do tempo percebido é aproximar-se do nexos sintático dos sons – essencialmente correlacionado ao fenômeno musical em si (...)” (MENEZES, 2003: 174). John Cage também apontou a duração como o aspecto mais fundamental do fenômeno sonoro, em sua conferência, *Defense of Satie*, de 1948, por ser o único dentre os atributos sonoros a resistir à ausência de som, visto que no silêncio já não existe altura, amplitude ou timbre, enquanto a duração continua a existir. Disso emerge um primeiro motivo da analogia entre a Música e a vida humana, seu desenho feito de durações, com uma direção rítmica, de sons e silêncios, movimento e articulação, e a trajetória do ser no decurso do tempo de uma existência.

7 Marcelo S. Petraglia é compositor, pesquisador (Mestre em Biologia Geral e Aplicada pelo Instituto de Biociências da Unesp – Botucatu, com o estudo da influência de vibrações acústicas em organismos vegetais, em especial na germinação de sementes; Doutor pela ECA-Música da USP) e coordenador do Antropomúsica – programa de educação musical fundamentado na Antroposofia.

O ritmo musical, de acordo com Maria de Lourdes Sekeff (ZAMPRONHA, 1996: 52), pode ser definido como estruturação de durações sonoras, imprimindo ordem e direção ao movimento. Na definição de Vincent d'Indy, no seu *Teoria Completa de la Música*, citada pela mesma autora, é “ordem e proporção no espaço e no tempo”, a que, acrescenta ela, estão sujeitos todos os fenômenos naturais (ZAMPRONHA, 1996: 54). Na sua acepção ampla, o ritmo também está presente na natureza e nos processos vitais humanos.

Para tudo que possui vida no mundo o ritmo é essencial. Observamos isso na planta que nasce e perece conforme o ritmo do ano e que, em seu crescimento, se contrai e se abre ritmicamente, e cujas sépalas, pétalas e estames se acham dispostos de acordo com certos ritmos numéricos. Observamos ritmos na estrutura dos organismos animal e humano. Admiramos as proporções do corpo humano (...) e essas proporções obedecem a uma relação numérica fixa. (...) Sabemos também que todos os processos orgânicos seguem certos ritmos, como os do dia e da noite; da manhã, do meio-dia e do entardecer; e da primavera, do verão, do outono e do inverno (HEYDEBRAND, 2014).

Assim se inicia um dos capítulos do livro da educadora Caroline von Heydebrand, uma das pioneiras da Pedagogia Waldorf, na primeira escola, fundada em Stuttgart, salientando a importância central do ritmo na vida da criança, regente primordial de todo o cotidiano escolar, de acordo com esta pedagogia. Steiner, em uma de suas conferências, de 1924, por ocasião da fundação de uma Escola Waldorf, em Londres, fala do ritmo na educação:

“O ritmo da respiração, o ritmo do sangue, todo o ritmo impera no período compreendido entre a troca dos dentes e a maturidade sexual da criança. (...). Portanto (nesse período, na educação e no ensino), deverão se orientar pelo ritmo. Deverão conceber tudo o que vierem a descrever e a fazer de forma tal que a cabeça participe o mínimo possível, e que o coração e todo o ritmo – tudo o que for artístico, *rítmico* – tomem parte na ação. Qual é a consequência disso? É que numa aula assim, a criança não ficará nem um pouco cansada (...) Ao lecionar durante o período do ensino fundamental, deve-se atingir a requisição exclusiva do sistema rítmico infantil. Este sistema rítmico, que nunca se cansa, que nunca é forçado, se ocupado de maneira correta, não necessita do intelectual, mas, sim, do imaginativo, do que provem da fantasia.”⁸ (STEINER, 2013: 121-122)

Considerações finais

Rudolf Steiner não foi músico, mas um pensador, cujo método cognitivo, legado de Goethe, calcava-se na experiência estética, na observação e na própria atividade artística, como um meio de ampliar sua capacidade perceptiva e trazer a lume o que subjaz à consciência, nos

8 Entendemos que Steiner faz referência aqui ao intelecto enquanto ênfase ao pensamento lógico, analítico e conceitual, em contraposição ao pensamento poético, pré-reflexivo, associado aos sentimentos, emoções, afetos, bem como a percepções corporais-cinestésicas.

estratos mais profundos do ser, não se limitando ao que é objetivamente externo e visível.⁹ Compreende-se, assim, que, embora suas contribuições também sejam de cunho científico – e isso é particularmente notável, mesmo na exterioridade da linguagem, em suas conferências na área da Medicina, por exemplo – sua contribuição filosófica à pedagogia musical traduz-se em um arcabouço de valiosos saberes que não se dispõem prontos e simples, mas que se revelam pela própria experiência consciente movida pelo interesse verdadeiro no ser humano. É notável a relevância da Música no currículo escolar Waldorf, tanto como disciplina específica quanto como presença transversal imprescindível no cotidiano escolar, ao longo de todo o Ensino Fundamental, sem mencionar o Jardim da Infância.

A pesquisa científica em torno dos apontamentos de Steiner acerca da Música é ainda incipiente, como indica HUSEMANN (2012), ao passo que no campo pedagógico e filosófico têm suscitado reflexões muito profícuas, inclusive no campo acadêmico. Mas para isso, é necessário transitar da instância filosófica à prática, de um sentido lato ao específico, de maneira que um ilumine o outro. É necessária uma centelha de indagação ou inquietação, que se desdobra: Como concebo o ritmo e o tempo musical? O que entendo por música? Qual o sentido verdadeiro do ensino de música às crianças? Passando, então, à auto-avaliação da atuação do educador, consciente da responsabilidade da sua presença na vida de outro ser humano, sem a resposta pronta de um método: Qual o valor da resposta que estou recebendo dos educandos? O que estou oferecendo a este grupo humano em formação vem ao encontro de suas necessidades ou simplesmente cumpre uma sequência arbitrária de exercícios? Estão florescendo em criatividade, em vitalidade e em frescor na sua relação com a música ou estão distanciados, enfarados, cansados, enrijecidos?

As vivências musicais devem ser profundas e plenas de sentido sempre renovado e ampliado, ainda que se repitam muitas vezes, pois isso é necessário à apropriação e incorporação do conhecimento, de maneira qualitativa e não quantitativa, instigando um ouvir poético e um fazer criativo, sem condicionamentos ou determinismos. Só assim a escuta, no meu entendimento, a partir de todo o exposto, pode deixar a superfície e se tornar ativa e receptiva a pensamentos complexos, como, por exemplo, os contidos em obras musicais contemporâneas.

9 O método, por ele adotado, continua vivo em pesquisas, sobretudo nas áreas de Medicina Antroposófica, Agricultura Biodinâmica e Farmacologia, como informa Armin Huseman, médico escolar na Escola Waldorf de Stuttgart (HUSEMANN, 2012)

Na cosmovisão antroposófica, de Rudolf Steiner, o ser humano está em constante devir, é um potencial aberto, assim como a própria Música. De acordo com o pensamento científico e estético de Goethe, ambos, ser humano e Música, têm um aspecto perene, seja pela identificação com arquétipos, seja pela regência de leis numéricas, como as postuladas pela Física e pela Química, apresentando-se por outro lado como uma realização individual, singular, sempre nova, sempre um germe prenhe de possibilidades. A Educação Musical, nesta perspectiva, deve visar sempre à ideia de equilíbrio, de desenvolvimento global, sem exaustão, à expansão dos sentidos e à abertura em relação à Música, enquanto expressão e representação de sentimentos, emoções e pensamentos musicais. O desenvolvimento da capacidade de abstração só pode ser atingido por um processo educacional em que o corpo é essencial e está integralmente presente e livre, movimentando-se, vibrando e pulsando com a Música. Desse modo, esse ouvinte criativo torna-se capaz de entender e receber as obras musicais, em sua essência livre e nova, rica em sentidos, superando a limitação a determinadas formas, gêneros e estilos.

Referências bibliográficas

- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP: 2005.
- HEYDEBRAND, Caroline von (trad. Rudolf Lanz). *A natureza anímica da criança*. São Paulo: Antroposófica, 2014.
- HUSEMANN, Armin. *A harmonia do corpo humano: princípios musicais da fisiologia humana* (trad. Mariangela M. Schleyer). São Paulo: João de Barro Editora, 2004.
- LANZ, Rudolf. *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposófia, 2011.
- LIEVEGOED, Bernardus Cornelius Johannes. *Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência* (trad. Rudolf Lanz). São Paulo: Antroposófica, 1994.
- MENEZES, Flo. *A acústica musical em palavras e sons*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- PETRAGLIA, Marcelo Silveira. *A música e sua relação com o ser humano*. Botucatu: OuvirAtivo – música para o desenvolvimento humano, 2010.
- SEINCMAN, Eduardo. *Do tempo musical*. São Paulo: Via Lettera, 2001.
- STEINER, Rudolf. *A metodologia do ensino e as condições da vida do educador*. (trad. Christa Glass). São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf do Brasil, 2014.
- _____. *A arte de educar baseada na compreensão do ser humano* (trad. Maria do Carmo Souza Filardo Lauretti). São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf do Brasil, 2013.
- _____. *A educação da criança: segundo a ciência espiritual* (trad. Rudolf Lanz). São Paulo: Antroposófica, 2012.
- _____. *Antropologia meditativa: contribuição à prática pedagógica*; tradução: Rudolf Lanz. São Paulo: Editora Antroposófica, 1997.



ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. *Curso e dis-curso musical (tonal)*. São Paulo: Annablume, 1996.